



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de recebimento do prêmio UNESCO na categoria Educação**

Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro

Brasília-DF, 19 de novembro de 2003

Quero agradecer ao nosso amigo Jorge Werthein, responsável pela Unesco no Brasil e dizer que este Prêmio, na verdade, está sendo entregue ao governo, mas o Cristovam sabe, eu sei, e penso que grande parte da população brasileira sabe, que o desafio que nós assumimos, de alfabetizar todos os brasileiros, é um desafio que precisa contar com a sociedade brasileira.

Nesses onze meses de governo, tenho tido oportunidade de conversar com muitos e muitos chefes de Estado. E eu sei que, muitas vezes, um dirigente político, um Presidente de um país assina um documento, junto com outros Presidentes, como foi assinado o documento “As Metas do Milênio” – que pretende acabar com a miséria no mundo em pelo menos 50% até 2015 – e nós ficamos vendo o que está acontecendo no Brasil e em outros países: muitas vezes as pessoas vão lá, assinam um documento e esquecem que o assinaram. De vez em quando se lembram, num evento, que assinaram um documento.

Esse desafio que está colocado para nós é o desafio de um conjunto de pessoas que acreditam que o ser humano é muito melhor do que a gente possa imaginar. E que a grande maioria dos seres humanos tem uma parte melhor do que outra. Muitas vezes o lado ruim prevalece, mas se nós desacreditarmos no ser humano e na possibilidade de fazer com que todos coloquem para fora aquele lado voluntário, como disse a Milu Vilela, aquele lado solidário, como disse o Bonner, eu acho que a vida não teria tanto sentido.



A gente vive acreditando nisso.

Eu fico feliz quando vejo uma menina como a Daiane chegar onde chegou. E muito mais feliz quando ouço a Daiane (nas suas palavras envergonhadas, ditas aqui) preocupada com outros meninos e meninas da idade dela e que, se tivessem a oportunidade que ela teve, possivelmente dariam um salto chamado “da Silva” também, não só “dos Santos”.

Fico feliz quando vejo meu amigo José Mindlin, aos 89 anos – idade que muitos de nós, Mindlin, pretendemos alcançar, se Deus permitir, com a sua força e com a sua disposição –, um homem que, efetivamente, tem prestado serviços extraordinários, não apenas na questão da cultura brasileira mas no setor empresarial brasileiro.

Quando eu vejo o Bonner ficar emocionado com o programa que fez e que não tinha consciência de que ia dar certo, como deu, é a demonstração mais viva de que nós sempre somos capazes de fazer mais e melhor do que a gente imagina que pode fazer. É só tentar.

Quando a gente vê uma mulher como a Milu, quando a gente vê uma figura como a Milu, que teria tudo para estar desfilando nas melhores cidades do mundo, gastando dinheiro, essa mulher, com a sua simplicidade, com a sua alma e o seu coração maior do que o corpo, tem dedicado grande parte da suas horas, dos seus minutos, para tentar prestar serviços a alguém que não teve oportunidade na vida. Obrigado, Milu.

Quando eu vejo o sobrinho do Sérgio Vieira de Mello vir aqui e chorar, eu acho importante um homem chorar porque todos nascemos aprendendo que homem não pode chorar, como se nós não produzíssemos lágrimas e se não tivéssemos sentimentos.

Realmente, eu confesso que tinha estado com o Sérgio Vieira de Mello duas vezes, mas só senti a grandeza do Sérgio Vieira de Mello no dia 23 de setembro, quando fui abrir o encontro das Nações Unidas. Vi quantos chefes de Estado vieram me cumprimentar pelo que representava o Sérgio nas



Nações Unidas.

Eu acho que grandes homens morrem, mas as idéias ficam perambulando pelo tempo e queira Deus que a grande maioria de todos nós pegue parte dessas idéias e sejamos todos, um dia, como Sérgio Vieira de Mello.

Realmente, o Hildebrando, que não pôde vir aqui, é uma figura fantástica; trocar Paris, para se dedicar à pesquisa em Porto Velho, demonstra que muito mais do que cientista, ele é uma grande alma e um brasileiro que merece o nosso mais profundo respeito.

Deixei de propósito as mulheres por último, porque foram as primeiras a serem premiadas com o programa Cemina. As mulheres estão ficando muito “desaforadas”, porque já são as rainhas da passarela, já estão ocupando muitos cargos na política, estão disputando passo a passo os cargos com os homens em tudo quanto é lugar e ainda ocupam o rádio, agora. Como é que nós ficamos? Daqui a pouco nós estaremos fazendo campanha, defendendo o direito das minorias, exigindo que vocês nos tratem melhor, porque senão a sociedade será muito desumana.

Além de repartir com o Cristovam, porque este Prêmio é de todos nós brasileiros, eu queria dizer que este Prêmio que o governo recebe por essa campanha de alfabetização, nós deveríamos dedicá-lo aos brasileiros que, no seu anonimato, estão contribuindo para que alguém seja alfabetizado neste país.

Ao mesmo tempo, quero dizer que este Prêmio pertence aos educadores brasileiros, ainda tão mal remunerados e tão dedicados à educação do nosso país.

Eu espero, Glória Maria, que vocês estejam todos aqui, no próximo ano. Jorge Werthein, não precisa dar prêmio mas, a cada ano, quando você vier fazer o seu pronunciamento, faça questão de lembrar se nós estamos cumprindo as metas que assumimos como compromisso.



Nós não precisamos mais de prêmio, nós precisamos apenas fazer o que prometemos.

Muito obrigado.

/cms/rss